



REDACTOR PRINCIPAL

Alexandre Vieira

EDITOR

Joaquim Cardozo

Propriedade da União Operária Nacional

Cidade de Lisboa — R. da Amizade, 14

(Permissão de lei que regula a liberdade de imprensa)

Redacção e administração — Calçada do Cambre, 34-A, 2.º

End. tel. — T. 1104 — T. 1105 — T. 1106

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A repressão bolxevista

Com razão salienta o amigo Carlos Rates que é necessário definir atitudes ante a notícia publicada nos jornais de que o governo pensa em adoptar medidas de repressão contra a propaganda bolxevista.

Pela nossa parte, nós somos francamente bolxevista, se por bolxevismo se entende a execução imediata da socialização das riquezas móveis e imóveis, a supressão de classes e a execução do programa de realizações socialistas, que Carlos Rates expôs no seu artigo «O perigo bolxevista».

O que pensa o governo sobre o bolxevismo, não nos importa. O que sabemos é que há um artigo na lei fundamental da República Portuguesa, que nos garante a liberdade de pensar e de escrever. Proibido, portanto, que expressemos as nossas ideias, o nosso critério, o nosso pensamento, é atentar contra a mais essencial das liberdades, a da liberdade de expressão.

Até aqui todas as iniciativas vindas a público visavam de uma de outra forma a transformação do locatário, num prazo mais ou menos longo, em proprietário. Isto é, à criação de uma pequena burguesia com todas as aparências de proletariado independente.

No projecto de agora a base essencial é muito outra: — manter-se a propriedade na posse do Estado e o seu usufruto completo e perfeito, muito largo e socialmente compreendido, *primo direito* do locatário.

— Mas não é isso o que se dá com qualquer locatário na propriedade particular? — Não senhor. O usufrutuário da moradia destes bairros não só tem a sua posse plena, mas também o direito de fruir em comum todos os lucros sociais da própria renda ou aluguer.

— Os bairros são constituídos de moradias independentes, com todas as condições higiénicas da moderna construção, e as quais não são estranhas mesmo certos delineamentos de estética, e outras construções destinadas a institutos de carácter social. Assim, desde as Maternidades, escolas infantis e profissionais, até ao puro divertimento espiritual artístico do teatro com passagens pelas salas de aperfeiçoamento físico, campos de desporto, bibliotecas de recreação e cultura, tudo nestes bairros se contém.

— A administração do bairro será feita pelos seus moradores juntamente com delegados do governo — Deste modo a acusação vinda a público já, embora levemente ironica, de que as rendas são bastante elevadas para as classes proletárias, parece-me fundada apenas no desconhecimento das condições sociais desta iniciativa.

— O Estado mantém-se na posse dos bairros a fim de lhes dar todo o carácter da posse colectiva evitando deste modo atribuição do direito de propriedade ao indivíduo, ou seja, como lhe disse há pouco, a criação da pequena burguesia.

— As rendas, que constituem de facto a propriedade única legítima do locatário, essas sim que são unicamente destinadas à produção de todas as regalias e pelo Estado atribuídas a quem? — Não recebe, então, o Estado essas rendas?

— De modo nenhum; a menos que elas constituam um saldo improdutivo em qualquer bairro; e ainda mesmo nesse caso o Estado só pode utilizá-lo na construção de novos bairros. Compreende bem que isso depende do corpo administrativo de cada bairro.

— E como é formada essa administração? — Muito simplesmente: pela eleição directa dos moradores de cada bairro, com o auxílio dos membros nomeados pelo governo.

— Quer dizer que depende dos próprios moradores o desenvolvimento social de cada bairro, visto que, conforme a sua escolha recair ou não nos seus mais inteligentes elementos, assim essa administração revestirá um carácter mais ou menos avançado e criterioso ou meramente expeditivo de manutenção das regalias em princípio criadas.

— Mas, deixe-me ainda dizer-lhe, essa acusação de rendas caras não tem razão de ser? — O que é uma renda cara?

— O que, quanto a mim, faz uma renda cara, é o carácter de sustentação individual, dum qualquer particular à custa dos locatários da propriedade na posse do Estado.

— Desde que toda a renda é destinada ao bem-estar do arrendatário, que razão de queixa justa pode alegar este do seu quantitativo? — A renda é aplicada praticamente à sustentação de todas as instituições sociais de cada bairro, incluindo a própria alimentação, instrução e educação de toda a sua infância. Portanto a renda quanto mais possivelmente elevada, tanto mais produtiva a favor dos próprios locatários.

— Ora que não veja nenhuma razão seria da queixa. — Imagine que um qualquer particular construa mil palácios para arrendar e

Iniciativas ministeriais OS BAIRROS OPERÁRIOS

Uma entrevista com o ministro do trabalho

«A minha iniciativa não visa a transformação do locatário em proprietário, mas a torná-lo usufrutuário de todos os lucros da própria renda.»

— Vai, então, construir-se o primeiro bairro operário?

— Diga antes, interrompe-nos o ministro, que o problema dos bairros operários entra, enfim, no domínio das coisas práticas.

— Mas temos recebido já, a propósito, reclamações de vários caracteres...

— Sim, sim, já sei. — Questão de insuficiência de conhecimento das bases do projecto e das condições de sua execução.

— Queira dizer...

— O projecto que vai ter imediato andamento, difere absolutamente de quanto até hoje têm sido apresentados quer nos vários parlamentos da República, quer nas câmaras municipais.

Até aqui todas as iniciativas vindas a público visavam de uma de outra forma a transformação do locatário,

num prazo mais ou menos longo, em proprietário. Isto é, à criação de uma pequena burguesia com todas as aparências de proletariado independente.

No projecto de agora a base essencial é muito outra: — manter-se a propriedade na posse do Estado e o seu usufruto completo e perfeito, muito largo e socialmente compreendido, *primo direito* do locatário.

— Mas não é isso o que se dá com qualquer locatário na propriedade particular?

— Não senhor. O usufrutuário da moradia destes bairros não só tem a sua posse plena, mas também o direito de fruir em comum todos os lucros sociais da própria renda ou aluguer.

— Os bairros são constituídos de moradias independentes, com todas as condições higiénicas da moderna construção, e as quais não são estranhas mesmo certos delineamentos de estética, e outras construções destinadas a institutos de carácter social. Assim, desde as Maternidades, escolas infantis e profissionais, até ao puro divertimento espiritual artístico do teatro com passagens pelas salas de aperfeiçoamento físico, campos de desporto, bibliotecas de recreação e cultura, tudo nestes bairros se contém.

— A administração do bairro será feita pelos seus moradores juntamente com delegados do governo

— Deste modo a acusação vinda a público já, embora levemente ironica, de que as rendas são bastante elevadas para as classes proletárias, parece-me fundada apenas no desconhecimento das condições sociais desta iniciativa.

— O Estado mantém-se na posse dos bairros a fim de lhes dar todo o carácter da posse colectiva evitando deste modo atribuição do direito de propriedade ao indivíduo, ou seja, como lhe disse há pouco, a criação da pequena burguesia.

— As rendas, que constituem de facto a propriedade única legítima do locatário, essas sim que são unicamente destinadas à produção de todas as regalias e pelo Estado atribuídas a quem?

— Não recebe, então, o Estado essas rendas?

— De modo nenhum; a menos que elas constituam um saldo improdutivo em qualquer bairro; e ainda mesmo nesse caso o Estado só pode utilizá-lo na construção de novos bairros. Compreende bem que isso depende do corpo administrativo de cada bairro.

— E como é formada essa administração?

— Muito simplesmente: pela eleição directa dos moradores de cada bairro, com o auxílio dos membros nomeados pelo governo.

— Quer dizer que depende dos próprios moradores o desenvolvimento social de cada bairro, visto que, conforme a sua escolha recair ou não nos seus mais inteligentes elementos, assim essa administração revestirá um carácter mais ou menos avançado e criterioso ou meramente expeditivo de manutenção das regalias em princípio criadas.

— Mas, deixe-me ainda dizer-lhe, essa acusação de rendas caras não tem razão de ser?

— O que é uma renda cara?

— O que, quanto a mim, faz uma renda cara, é o carácter de sustentação individual, dum qualquer particular à custa dos locatários da propriedade na posse do Estado.

— Desde que toda a renda é destinada ao bem-estar do arrendatário, que razão de queixa justa pode alegar este do seu quantitativo?

— A renda é aplicada praticamente à sustentação de todas as instituições sociais de cada bairro, incluindo a própria alimentação, instrução e educação de toda a sua infância. Portanto a renda quanto mais possivelmente elevada, tanto mais produtiva a favor dos próprios locatários.

— Ora que não veja nenhuma razão seria da queixa.

— Imagine que um qualquer particular construa mil palácios para arrendar e

que efectuava, de facto, o seu aluguer ao preço de X igual ao mínimo verosímil dum aluguer por mês.

— Seria barata essa renda?

— A primeira vista assim parece, de facto...

— Mas, à face do critério moderno, não o era. Não o era porque dessas rendas vivia um parasita à custa do trabalho alheio.

— E' claro que isto é uma mera hipótese em que se não atende a todas as razões que a implica e que serve, apenas, para lhe acentuar, mais uma vez, que o meu ponto de vista foi este: valorizar o morador dos bairros operários social e moralmente, morigerando-lhe os costumes, pela obrigação de frequência nos seus institutos do ensino e recreio espiritual e físico, e libertar a infância pobre de todo o assédio imoral que constitui esse viver do meio-da-rua; fazer, enfim, uma obra de largas vistas sociais e não somente atender ao problema das casas baratas.

No dia 27 próximo lançar-se-á a primeira pedra do primeiro dos trinta bairros a constituir

— E pensa que são para já realizáveis as suas ideias?

— Sem dúvida alguma. No dia 27 do corrente terei o alto prazer de fazer o lançamento da primeira pedra do bairro do Campo Pequeno, a que assistirá o presidente da República e todo o governo, acto que revestirá grande importância, como convém, para estimular o espírito público a favor de semelhante iniciativa.

As negociações para a expropriação do terreno estão em via de conclusão com o sr. Soto Maior, que parece disposto a facilitar, quanto possível, a minha ideia, e outros proprietários de terrenos próprios estão já também a caminhar de acordo rápido.

Um apêndice de mão amigável e saímos do ministério do trabalho com a promessa de que em breve o ministro vai tentar conseguir um pequeno aumento de certa contribuição para que a sua ideia da construção de trinta bairros operários entre, como disse no começo desta entrevista, no domínio das coisas práticas.

— Mas não é isso o que se dá com qualquer locatário na propriedade particular?

— Não senhor. O usufrutuário da moradia destes bairros não só tem a sua posse plena, mas também o direito de fruir em comum todos os lucros sociais da própria renda ou aluguer.

— Os bairros são constituídos de moradias independentes, com todas as condições higiénicas da moderna construção, e as quais não são estranhas mesmo certos delineamentos de estética, e outras construções destinadas a institutos de carácter social. Assim, desde as Maternidades, escolas infantis e profissionais, até ao puro divertimento espiritual artístico do teatro com passagens pelas salas de aperfeiçoamento físico, campos de desporto, bibliotecas de recreação e cultura, tudo nestes bairros se contém.

— A administração do bairro será feita pelos seus moradores juntamente com delegados do governo

— Deste modo a acusação vinda a público já, embora levemente ironica, de que as rendas são bastante elevadas para as classes proletárias, parece-me fundada apenas no desconhecimento das condições sociais desta iniciativa.

— O Estado mantém-se na posse dos bairros a fim de lhes dar todo o carácter da posse colectiva evitando deste modo atribuição do direito de propriedade ao indivíduo, ou seja, como lhe disse há pouco, a criação da pequena burguesia.

— As rendas, que constituem de facto a propriedade única legítima do locatário, essas sim que são unicamente destinadas à produção de todas as regalias e pelo Estado atribuídas a quem?

— Não recebe, então, o Estado essas rendas?

— De modo nenhum; a menos que elas constituam um saldo improdutivo em qualquer bairro; e ainda mesmo nesse caso o Estado só pode utilizá-lo na construção de novos bairros. Compreende bem que isso depende do corpo administrativo de cada bairro.

— E como é formada essa administração?

— Muito simplesmente: pela eleição directa dos moradores de cada bairro, com o auxílio dos membros nomeados pelo governo.

— Quer dizer que depende dos próprios moradores o desenvolvimento social de cada bairro, visto que, conforme a sua escolha recair ou não nos seus mais inteligentes elementos, assim essa administração revestirá um carácter mais ou menos avançado e criterioso ou meramente expeditivo de manutenção das regalias em princípio criadas.

— Mas, deixe-me ainda dizer-lhe, essa acusação de rendas caras não tem razão de ser?

— O que é uma renda cara?

— O que, quanto a mim, faz uma renda cara, é o carácter de sustentação individual, dum qualquer particular à custa dos locatários da propriedade na posse do Estado.

— Desde que toda a renda é destinada ao bem-estar do arrendatário, que razão de queixa justa pode alegar este do seu quantitativo?

— A renda é aplicada praticamente à sustentação de todas as instituições sociais de cada bairro, incluindo a própria alimentação, instrução e educação de toda a sua infância. Portanto a renda quanto mais possivelmente elevada, tanto mais produtiva a favor dos próprios locatários.

— Ora que não veja nenhuma razão seria da queixa.

— Imagine que um qualquer particular construa mil palácios para arrendar e

APÓS A GUERRA BURGUESA

Os aliados e a Rússia

«Vão-se entabular negociações entre Paris e Moscou? — A situação nos países da Entente e as últimas vitórias dos maximalistas»

Segundo despachos telegráficos, partiram de Moscova emissários do Governo dos Sovietes, a fim de entabularem negociações oficiais com a Entente. O caso presta-se a reflexões muito sérias porque essas negociações não seriam iniciadas sem que a Entente para isso se mostrasse inclinada. Vem este informe corroborar perguntas que a nós próprios fazemos perante informes que a imprensa quotidianamente regista, acerca de um possível estabelecimento de uma plataforma entre os governos burgueses e o governo dos maximalistas. E a essa modificação na forma de encerrar o grave problema russo — talvez o mais sério que até agora se tem apresentado à Humanidade — não é estranha a pressão exercida pelas massas populares dos países aliados sobre os respectivos governos.

Na Itália, o partido socialista, que tem um carácter a centuadamente revolucionário, tendo sido, até, o único partido socialista dos países beligerantes, que ao grande morticínio foi declaradamente adverso, desenvolve uma intensa campanha em prol dos revolucionários russos. Na Inglaterra, numa eleição parcial ultimamente realizada, o governo de Lloyd George sofreu uma estrondosa derrota, explicada pelo enervamento da opinião pública ante o sigilo e morosidade da Conferência da Paz que não se atreve a encerrar a questão russa muito a sério, após o malogro da conferência da Ilha dos Principes. Na França a questão está posta com uma gravidade crescente, acentuando a imprensa avançada a sua oposição ao governo de Clemenceau, e firmando essa oposição principalmente na atitude por este adoptada perante a Revolução Russa. E essa oposição é por tal forma grave, de tal maneira o povo francês repete o governo conservador de Clemenceau, aspirando a uma profunda e imediata remodelação social e ao terminar da guerra surda às Repúblicas Sociais do Oriente que um acreditado jornal do país visinho, cujos informes são revistos de uma particular importância afirmava, num dos seus números últimos chegados a Lisboa, que todos os elementos políticos da França pedem a substituição do governo de Clemenceau por um outro onde não só predominem os socialistas mas onde ainda in-

fluenciem os sindicalistas; governo esse que levaria a cabo uma verdadeira revolução social que partiria do alto para baixo procurando assim evitar-se a explosão tremenda das multidões proletárias.

Por outro lado, Wilson já declarou que a América do Norte não combaterá o Socialismo do oriente, tendo de certo influido muito nesta opinião do presidente dos Estados Unidos, a atitude das tropas americanas expedicionárias à Rússia, pois, segundo declarações de lord Churchill, na Câmara dos Comuns, as que se encontram na Sibéria negaram-se a combater os camponeses russos e, conforme um telegrama de New York que ontem demos à estampa, nas que guarnecem o front de Arkangel, lavra a insurreição, declarando-se os oficiais impotentes para a conter se não vier rapidamente uma ordem de repatriamento.

Traçada, assim, muito pelo alto, a situação em que se encontram os diversos países, ante os graves sucessos que vem movendo a episcopia mundial, de estranhar não é se o leitor qualquer dia, ao dirigir-se ao trabalho, ler nos periódicos a sensacional notícia de se ter estabelecido uma plataforma com a Rússia proletária.

Mas não foi só a situação interna dos vários países, que forte pressão exercem entre os homens que timão a política internacional dos Aliados. Também os triunfos do Exército Vermelho, ultimamente obtidos nas diversas frentes, exercem uma influência quicá decisiva.

A conquista de toda a Ucrânia e, por fim, a tomada de Odessa — já oficialmente confirmada — tem uma importância considerável, pois é necessário não esquecer que é essa a parte mais fértil da Rússia, principalmente em cereais, representando, pois, além de um êxito militar importante, o abastecimento das outras regiões russas, de géneros de largo consumo que os revolucionários não têm podido importar das outras partes devido ao bloqueio da Entente. Mas os êxitos maximalistas não ficam por aqui. Eles avançam mais, tendo já ocupado uma parte muito considerável da península da Crimeia, que tem uma esplêndida defesa natural no istmo de Perekop, mas que os franceses abandonaram quasi sem combate — como aliás já sucedera em Odessa — o que tem o seu quê de misterioso, misterio que difícil é de desvendar, dado o natural sigilo que os governos burgueses dessas operações guardam.

Em Arkangel encontram-se as tropas da Entente bloqueadas pelos gelos, em situação desesperada, pois ainda durante dois meses não poderão comunicar com os seus países, faltando-lhes, portanto, aprovisionamentos de toda a espécie para resistir ao terrível clima daquelas regiões — o mesmo clima que desbaratou o exército napoleónico, sem que este tivesse ensejo para grandes embates com o inimigo.

Ora estes factos são importantes, demonstrando bem que a situação não é favorável aos aliados — e se acrescentarmos a que a revolução já galgou os Carpatos, triunfando na Hungria, estando prestes a empolgar os estados balcânicos da Austria e da Alemanha, vemos que sérias apreensões assaltam o Conselho dos Quatro, levando-o a procurar uma plataforma entre Moscova e Paris.

Partiram, pois, delegados russos para entabular negociações. E' natural que os proletários portugueses esperem ansiosamente os resultados dessa *démarche*, e nós prometemos, sempre que elementos de confiança tenhamos, comentar e descrever os embates entre a diplomacia negra da internacional burguesa e a diplomacia vermelha dos proletários moscovitas.

Estofadores e Decoradores

Prossegue a greve, solidarizando-se a classe do Porto com a de Lisboa

Continúa esta classe o seu movimento de aumento de salário, sempre com grande entusiasmo. Hoje, foi recebido o seguinte telegrama:

«Estofadores do Porto, reunidos juntamente com o delegado de Lisboa, resolveram dar todo o seu apoio aos camaradas de Lisboa. — Presidente: Carlos Silva».

Mantem-se pois, não só em Lisboa a solidariedade da classe, mas também no Porto, como se vê neste telegrama.

Segundo informações particulares, parece que o conflito deve estar em via de solução, devido à transigência da parte dos industriais, mas até à hora de ser encerrada a sessão dos camaradas em greve, não foi recebida nenhuma comunicação oficial.

O delegado da Federação de Indústria Mobilítria, orientou a classe sobre o caminho a seguir.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Assaltos...

O nosso presado colega *A Capital* revela-nos um boato que desconheçamos. Que se projecta um assalto, a *A Batalha*. Confessamos que, nestes últimos dias, não nos constava tal propósito e julgávamos que ele — manifestado em rodas de determinados políctantes no princípio da nossa publicação — já tivesse sido pôsto de lado. Persiste? Pouco nos importa. Esperamo-lo; e como homem prevenido vale por dois, não tememos. Venham, pois, mas dispostos a arriscar a vida, porque nós estamos também dispostos a arriscar a nossa em defesa do nosso legítimo direito de livre exame e de livre manifestação de pensamento.

Ao nosso presado colega *A Capital*, agradecemos reconhecidos e sensibillizadíssimos as suas nobres palavras de condenação a semelhante propósito, e a promessa da sua solidariedade. Contamos com ela, como com a nossa pode contar, em circunstâncias idênticas, toda a imprensa, por mais antagónico que, com o nosso, seja o seu credo.

Reconhecimento papal

Entre as muitas e variadas coisas que resultaram da conflagração cessante, encontra-se a independência da Polónia, agora constituída em Estado senão dos próprios destinos. Por largo tempo andou a Polónia fraccionada em tassalhos que as garras ferozes dos impérios vizinhos tenazmente seguravam. Até que uma sucessão de inesperados acontecimentos veio permitir a unificação do país que Kossuth defendeu até à morte. Pois surge agora o reconhecimento a Polónia. Sua Santidade chega um tanto tarde, não se terdo lembrado, nem ele nem os seus antecessores, de manifestar no tempo próprio o seu não reconhecimento do direito para os impérios vorazes se apossarem dos retalhos da nação ora reconstituída. O certo é que a influência política do Vaticano perde dia a dia, por vontade de Deus, provavelmente. Por modo que para manter os povos em sujeição, desculpe Sua Santidade, não valem já papas. Nem bolos...

Questões de compreensão

Desgraça é que o ilustre director de *A Manhã*, lendo-nos parece que assiduamente, não nos compreenda em regra — ele próprio o declara. Ora não é por certo a divergência existente entre as nossas opiniões e as do ilustre jornalista que origina o facto lamentável, porquanto nós o compreendemos inteiramente, sem embargo de não sermos compreendidos. A propósito do editorial que antemont publicámos, bordava *A Manhã* uma série de considerações a que só a nossa falta de clareza poderia dar causa. Pois amanhã procuraremos ser mais claros.

MINISTRO DA GUERRA

Acostumados os operários ao maior despreso e às maiores incorrecções dos governantes, surpreendeu-nos a delicadeza do ministro da guerra, sr. António Maria Baptista, mandando ornar a esta oficina o seu ajudante de campo entregar-nos o seu cartão de visita.

Reparada havia sido já a exclusão de *A Batalha* da relação dos jornais visitados pelos ministros. E' *A Batalha* um órgão de oposição governamental? E' certo. De oposição franca e intransigente. Mas é um jornal, órgão da mais numerosa mais útil classe da nação — a classe produtora, — e, como tal, adversário da classe que os governos representam e defendem. Mas é mais fial do que aqueles que lhe são adversários políticos apenas.

Ao ministro da guerra agradece *A Batalha* a atenção dos seus cumprimentos.

Conselho Jurídico da U. O. N.

O advogado do Conselho Jurídico da U. O. N. vai, em todos os sábados, responder em *A Batalha*, às consultas que lhe forem dirigidas, por meio de cartas ou de officio, pelas associações, aderentes ou pelos sócios dessas Associações, de harmonia com o respectivo regulamento.

O 1.º de Maio

A conferência de ontem na Federação de Livro e do Jornal

Na sede da Federação do Livro e do Jornal, realizou-se ontem outra conferência da serie que a U. O. N. de Lisboa vem promovendo, tendente a criar entre os trabalhadores um ambiente próprio ao desenvolvimento das ideias de emancipação das classes proletárias, e a preparar as mesmas classes para assistirem ao grande comício do dia 1.º de Maio, donde deverá sair o 1.º de Maio.

Segundo informações particulares, parece que o conflito deve estar em via de solução, devido à transigência da parte dos industriais, mas até à hora de ser encerrada a sessão dos camaradas em greve, não foi recebida nenhuma comunicação oficial.

O delegado da Federação de Indústria Mobilítria, orientou a classe sobre o caminho a seguir.

A NOVA LEI DO INQUILINATO

No domingo, 27 do corrente, em sala que brevemente será indicada, reúnha o dr. Sobral de Campos a 3.ª conferência do Conselho Jurídico sobre o tema: *A nova lei do inquilinato*.

O conferente principia por dizer que, em face dos actuaes acontecimentos internacionais, se sente com pouca força para tratar o assunto e que se o faz é por julgar da máxima importância estabelecer-se esta discussão a fim de que sindicatos e sindicatos se apercebam da profundidade dos acontecimentos que se desenrolam nos outros países, para deles tirarem o máximo proveito no sentido de se prepararem para a acção que os espera mais prestes que se supõe.

Alonga-se em várias citações relativas às revoluções passadas, nomeadamente à revolução francesa, que deu a hegemonia do poder à burguesia, pondo em paralelo a organização que esta possuía antes da grande revolução em relação à que possui a classe operária, agora muito superior, frisando que se esta é mesmo assim eficiente, a da burguesia é era igualmente.

Refere-se ao facto de se dizer a cada passo que a classe operária não possui organização e preparação indispensáveis para fazer a revolução expropriadora e socializadora, reputando essa afirmação como altamente prejudicial à revolução proletária, pois contribui para lhe amortecer a energia, principalmente neste momento em que se lhe afigura indispensável desenvolver-se e levar a classe operária a aperceber-se da sua responsabilidade social presente, a fim de completar a sua constituição orgânica no sentido reconstitutivo.

Refere-se ao facto da revolução russa exceder as previsões de Lenin, maximalista, pois não possuindo a Rússia um industrialismo desenvolvido, como acontece em Portugal, semelhante ao alemão, inglês, americano, etc., o proletariado daquele país pôde fazer a revolução socialista, que se estendeu já a outros países, avançando a passos largos para toda a Europa e ameaçando a própria América burguesa.

O industrialismo em Portugal também não está intensificado, mas é quasi certo que não o tendo intensificado a burguesia capitalista até agora, não o virá a fazer, sujeita como está à próxima expropriação, pelo que mais deve influir a organização sindical na sua imediata preparação, posto que maior será o seu trabalho, após a revolução para desenvolver o que o capitalismo não quis fazer.

Além deste aspecto, puramente económico, há que atender ao aspecto político, visto que não falta quem se prepare para desviar o natural curso da evolução histórica da libertação e emancipação da classe trabalhadora num sentido contrário às suas reais aspirações.

O conferente, escutado com a maior atenção, foi no final muito aplaudido.

Festa de confraternização

Os operários arsenalistas e da Cordoaria Nacional visitam os estabelecimentos fabris

Promovida pelos camaradas dos Arsenalistas do Exército e da Cordoaria Nacional, realizou-se ante-ontem uma visita às dependências do Arsenal do Exército, Fábrica de Canhões, Fábrica de Armas, Fábrica de Material de Guerra, em Brago de Prata, visitadas estas que foram superiormente autorizadas pelos directores dos respectivos estabelecimentos, srs. Vaz de Carvalho, engenheiro construtor naval e coronel Rodrigues.

Tomaram parte nesta visita todos os corpos sociais das duas Associações de Classe, das suas Cooperativas e delegados das diversas oficinas, entre eles algumas operárias da Cordoaria e Arsenal do Exército.

Tomaram também parte alguns dirigentes das referidas oficinas, e representantes das classes de desenhadores, escultores, guardas, etc.

Esta visita foi iniciada às 9.30 pela fundição de canhões onde foram admirados, entre outros trabalhos, os moldes em que foram vazadas as estatuas de D. José, Sousa Martins, etc., passando em seguida à Fábrica de Armas, percorrendo as diversas oficinas e depósitos, prendendo-lhes muito a atenção os vários maquinismos, e especialmente os destinados a torcer as coronhas das espingardas.

Passaram em seguida ao Monte-Pio do pessoal do Arsenal do Exército, onde um dos seus dirigentes fez uma interessante resenha histórica desta antiga instituição; visitaram depois a sede da cooperativa do referido pessoal.

Feitos os cumprimentos ao respectivo director, a numerosa comitiva percorreu as diferentes oficinas, já acompanhada de algumas operárias dessa fábrica, admirando os diferentes maquinismos e ficando muito grata aos dirigentes e operários que, tal como nos outros estabelecimentos, completaram a observação de vista com fartas explicações.

Após o cair da tarde um grupo de visitantes dirigiu-se novamente ao gabinete do director, reiterando-lhe os seus agradecimentos.

Depois foi-lhes mostrada a obra destinada à Cantina, Cooperativa e balneário, que ali se estão constituindo, e finalmente a Cantina actual.

Tomada depois o comboio para Santa Apolónia, dirigiram-se à sede do sindicato do pessoal do Arsenal do Exército, onde-lhe ali servido um abundante e delicioso copo de chá, levantando numerosos brindes e entusiasticamente discursando vários

representantes dos dois Arsenalistas e Cordoaria, dos seus Sindicatos e Cooperativas, não sem o

Po, saudando a Batalha, a favor das mulheres, sua sede, até ao mar, entre outras coisas, algumas crianças espalharam flores

Por vezes o entusiasmo foi tão grande, que não faltaram lágrimas, principalmente no momento em que, algumas crianças espalharam flores sobre os circunstantes.

VIDA CARA E DIFÍCIL

A falta de pão em Viana do Castelo

Uma greve geral inesperada

A Camara demite-se

Viana do Castelo, 16. (C.)

Pela madrugada de ontem começaram os sinos das freguesias circunvizinhas a tocar a rebate, e logo de manhã foram assaltadas duas vendeadoras de pão: uma quando passava na rua de D. Luís e outra próxima da Associação Marítima.

Tudo o operariado não pegou a trabalhar e, juntamente com o povo chegado das aldeias, dirigiu-se à Associação Marítima para que a população daquele bairro o acompanhasse, dirigindo-se em seguida ao estaleiro da praia a convidar os operários ali empregados a abandonar o trabalho e a acompanhar o movimento.

Quando, de volta, vinham rua de S. Sebastião acima, a multidão invadiu as padarias Moura e Gonçalves, levando pão e partindo portas e vidros.

Foi, em seguida, assaltado um carro, próximo do cais da Alfândega, que conduzia arroz e bacalhão.

Sendo avistados dois barcos que, desatracando do cais, se preparavam para fugir rio acima, a multidão viu-os e, pedrada e, como não desistissem da fuga, alguns populares, apoderando-se de uma barça, iam em sua perseguição, o que fez desistir do seu intento os barqueiros, que atracaram. Conduziam batata que, transportada por alguns indivíduos para cima do cais, desapareceu em poucos minutos.

Tentando a multidão assaltar um armazém de mercaderias próximo do comissariado, e pertencente ao negociante Ferros, surgiu a policia inesperadamente, fazendo fogo sobre o povo, que foi forçado a debandar.

A paralização é geral, não estando o operariado resolvido a retomar o trabalho sem que haja o milho necessário para o abastecimento.

O movimento alastra, comunicando-se às freguesias vizinhas

Em face do grande movimento de tropas pelas ruas, que estão sendo patrulhadas por praças da marinha, de infantaria e de artilharia a cavalo, não sendo permitidos ajuntamentos, o povo dirigiu-se para a próxima freguesia de Santa Maria, assaltando a propriedade do sr. José Pinto. Não encontrando milho, levaram grande quantidade de batata de soberba qualidade. Aquele senhor, que, de espingarda, se preparava para fazer frente à multidão, chegando mesmo a disparar alguns tiros, ao ver a atitude do povo, houve por bem render-se.

Constatando que vinham rio abaixo barcos com milho, a multidão dirigiu-se para o Barco do Pinheiro, assaltando duas barcas com batata, arroz e diversos géneros.

Num assalto à propriedade de um tal Oliveira, da mesma freguesia, aquele, com os seus criados e armado de espingarda, opoz-se à multidão, resultando ser-lhes tiradas as espingardas, a casa apedrejada valentemente e ele com a cara num estado lastimoso. Como constatou que estava morto, o povo não mais fez, tendo-se escondido os criados para não serem vítimas da exaltação popular.

Devido aos últimos acontecimentos a vereação municipal pediu a sua demissão.

Do officio, exposto ao público na Havanosa, e enviado por ela ao governador civil, extraímos o seguinte:

«O sr. governador civil.—Cabe-me comunicar a v. ex. que esta comissão administrativa, tendo apreciado hoje, em sessão extraordinária, a questão das subsistências, deliberou por unanimidade de depor nas mãos de v. ex. o seu mandato em consequência de se reconhecer impotente para debelar a temerosa crise que nos assobea, desajudado por parte das autoridades e sem força nem meios para agir em face do magno problema».

Termina dizendo que apenas assinará o expediente até à nova comissão ser nomeada. Este documento é assinado por Gaspar Simões, o vereador mais velho.

Por isto se vê o estado em que este povo se encontra, o qual resolveu: não mais comissões com reclamações, que nenhum resultado tem dado.

Foram ontem presos três operários. A hora que escrevo o movimento continua.

Além da policia, que partiu para as aldeias temido para ali, em automóvel, praças da marinha.

Na freguesia da Meadela não consentem ajudar a multidão, fazendo retirar até as pessoas que se encontram em tabernas e mercearias.

Propaganda Bolxevista

Atitude da Federação do Livro e do Jornal perante os boatos da sua repressão

A Federação do Livro e do Jornal apreciou na sua sessão de ontem os boatos correntes de repressão, por parte do governo, sob o pretexto de reprimir o bolxevismo, a tudo quanto tenha por forma esclarecer a verdade sobre a revolução social no Oriente, sendo apresentada por um delegado uma proposta de estabelecimento, à semelhança do que se fez em Espanha, da censura vermelha a tudo quanto tenda a desvirtuar a dita revolução, sendo esta ideia posta de parte até se confirmar a veracidade desses boatos.

Suspeitando-se mais que tal acto de repressão seja enforcado no diário das classes trabalhadoras A Batalha resolveu-se tornar pública a resolução em que está a Federação de opor a qualquer violência sobre esse jornal o qual quer mais praticar que as circunstâncias venham a exigir.

JOVENTUDES SINDICALISTAS

N. J. S. Central.—E hoje que se realizou na sala da Federação da Constituição Civil, pelas 21 horas uma sessão de propaganda contra a militarização da população, sendo a sessão promovida pelo Núc. Juventude Sindicalista de Lisboa (Central). Rogo-se a comparença de todas as colectividades, e especialmente dos delegados das Juventudes organizadas em Lisboa e do representante da Federação académica.

A comida do s. prósos

Virgílio

Paula Maia

Virgílio

Paula Maia

Virgílio

Paula Maia

Virgílio

Paula Maia

Virgílio

Paula Maia

Virgílio

Paula Maia

Virgílio

Paula Maia

Virgílio

Paula Maia

Virgílio

Paula Maia

Virgílio

Paula Maia

Virgílio

Paula Maia

Virgílio

Paula Maia

Virgílio

Paula Maia

Virgílio

Paula Maia

Virgílio

Paula Maia

Virgílio

Paula Maia

Virgílio

Paula Maia

Virgílio

Paula Maia

Virgílio

Paula Maia

Virgílio

Paula Maia

Vida Sindical

União Operária Nacional

O Conselho Central resolve promover a realização de um Congresso Nacional Operário no prazo de três meses

Conforme tinha sido anunciado, efectuou-se ontem a terceira reunião do Conselho Central da U. O. N., prosseguindo na apreciação do relatório da greve de Novembro, apreciação que ainda não ficou concluída.

O Conselho, em harmonia com uma proposta da Comissão Administrativa, pronunciou-se sobre a necessidade de, o mais rápido possível, a U. O. N. levar a efeito a realização do Congresso Nacional Operário, que deverá efectuar-se no prazo de três meses, em Coimbra, no qual será ventilada, entre outros importantes assuntos, a conveniência de modificar a estrutura da Central dos Sindicatos, adaptando a às necessidades do momento.

Nesta reunião foram lidos officios de sindicatos operários, tendo sido nomeados delegados da U. O. N. para irem a Vila Franca de Xira, Moita e Paredes, respectivamente, os camaradas Manuel Joaquim de Sousa, Abel Pereira e Raul Baptista.

Também foram apreciados officios da Academia das Ciências e do ministério das subsistências, pedindo que a U. O. N. enviase representantes sem a determinadas reuniões, por aquelas entidades promovidas, e onde se deveria tratar dos meios a adoptar no sentido de embaratecer o custo da vida.

A U. O. N., porém, consequente com a sua maneira de proceder anterior, resolveu não corresponder a esses pedidos, explicando, porém, que tendo trabalhos seus sobre tam magno caso, se dispunha de procurar novos elementos.

O Conselho Central reúne na próxima segunda-feira para prosseguir na discussão do relatório, nomear a comissão organizadora do Congresso e occupar-se de outros trabalhos.

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil.—A comissão permanente destes organismos procurou ante-ontem o ministro da guerra, no seu gabinete, com quem tratou dos seguintes assuntos: pagamento do feriado de 15 de fevereiro último; pagamento a um camarada pedreiro do tempo que esteve doente, com a pneumónica; aumento de 30 por cento nos salários que os operários auferiam, a exemplo do que se fez nos demais ministérios, ficando estes assuntos resolvidos.

Procurou também o director geral das Obras Públicas com quem tratou do aumento aos serventes, prometendo esse funcionário tratar do caso com o ministro do comércio, ficando a comissão de ali voltar no sábado.

A mesma comissão foi no passado domingo passar uma vistoria a uma propriedade sita na rua de Campo de Ourique, 20, pátio, que ameaça ruína devido à sua construção, entregando a participação do facto à Câmara Municipal, a fim da mesma, mandar proceder.

Previnem-se todos os camaradas que trabalham nas obras do Estado e que tenham livretes em seu poder de que os devem entregar no mais curto espaço de tempo, para que de futuro a cobrança deste cofre passe a ser feita pelas comissões nomeadas nas obras.

Esta comissão declara que por lapso, não publicou na A. Batalha, e no construtor a verba de 2020 que foi o total tirado na quete das obras das Necessidades.

Ontem deram entrada mais 9% seguintes quetes:

Escola Machado Castro, 1500; Infancia, 2300; Manicómio, 1810; Escola Central de Reformas de Caxias 4300.

Serventes de Pedreiros e Estuqueiros.—Este sindicato participa que a inscrição dos serventes se m trabalho se acha encerrada, e que todos aqueles que estão inscritos podem comparecer amanhã.

Pintores da Construção Civil.—Reuniu esta classe em sessão magna, apreciando o aumento de salário nas obras particulares, ficando assente que se realize outra sessão magna no dia 21 do corrente, pelas 21 horas, para tratar do mesmo assunto. Deliberou ainda que os camaradas presentes instigassem os que não compareceram a não faltar na próxima reunião. Resolveu também que em todas as obras do Estado fossem nomeadas comissões de tres camaradas para reunir com os corpos gerentes, na próxima terça-feira, pelas 21 horas. No final da sessão foi votada uma sanção à A. Batalha.

CONVOCAÇÕES

União dos Sindicatos Operários.—Reúne hoje a assembleia de delegados deste organismo, pedindo-se a comparença de todos, visto a importância dos assuntos a tratar.

Associação dos Empregados do Estado.—A reunião da direcção que devia efectuar-se hoje, fica transferida para terça-feira, 22.

Pintores da Construção Naval.—Reúne hoje a assembleia geral para tratar do aumento de salário, da equiparação dos ordenados com os das camaradas do Estado, em face da sempre crescente carestia da vida devido à criminosas e desmedida ganância dos acambradores, e apreciação do extrato do regulamento interno que vai entrar em vigor brevemente.

Funcionários Públicos.—A comissão administrativa deste sindicato reúne hoje, pelas 20 horas.

Pisado por um cavalo

No Bano do hospital de S. José foi pensado Francisco Marques, 50 anos, trabalhador, residente na rua S. Bandeira, que foi pisado por um cavalo no arco de Santo André, ficando contuso na região lombar.

Tolerância de ponto

Ontem apenas houve tolerância de ponto no ministério das finanças, guerra, marinha, justiça, agricultura e respectivas dependências. Já não houve tolerância de ponto no ministério do trabalho, relógia, e em de mais. Hoje há tolerância de ponto nas mesmas secretarias.

Desde as 2 da tarde

OLYMPIA

Matinee e Solréa

Ultima exhibição da encantadora

CRISTO

VIDA — PAIXÃO — MORTE

A mais nova e completa sobre o

MARTIR DO CALVÁRIO

No programa: O Bojo de Judas — A Cidade Santa — Oeopatra, 5 p.

Concerto de música sacra com acompanhamento de piano por D. José Bonat

Amanhã—Reparação de OS ACONTECIMENTOS DO NORTE e estreia BEBES HERÓES, 2 p.

2.ª feira, 21—A SACRIFICADA (Bertin)

Junta Central de Propaganda e Acção Sindicalista

Reúne hoje, às 20 horas, na Associação dos Fabricantes de Armas e Officinas Acessórias, Campo de Santa Clara, 87, 1.ª, para discussão do programa de realizações socialistas.

Club Montanha

Um bodo a 200 pobres

As festas da Páscoa neste club são solemnizadas com um bodo a 200 pobres protegidos pelos jornais da capital e pela junta da freguesia de S. José. O bodo, que consta de \$50 a cada pobre, é distribuído, pelas 13 horas de domingo, na sede do club, rua da Glória, 57. Por motivo das festas haverá grandes bailes amanhã e depois, abrilhantados por uma banda de música.

Agradecemos as senhas que nos foram enviadas para os nossos protegidos.

NOTA OFICIOSA

Do gabinete do ministro da secretaria das colónias recebemos a seguinte nota officiosa que, só por consideração, publicamos, pois não inseria A Batalha a noticia a que a mesma se refere:

«E' completamente destituída de fundamento uma noticia dada por um jornal de que o sr. dr. Alvaro de Castro recebera, em virtude de sua reintegração no lugar de governador geral da provincia de Moçambique, a quantia de vinte contos ou vinte mil escudos».

OS QUE MORREM

Deve chegar hoje à estação do Rocio, às 8.30, o cadáver da camarada Alberto de Miranda, pedindo-se a direcção da Associação dos Estudantes e Desportistas a comparença de todos os membros da classe.

FALECIMENTOS

Faleceram ontem o sepultam-se hoje as seguintes pessoas:

José Tomás de Matos, às 10, da rua Ribeiro Sanchez, 32-A; António Luís Pereira, às 10, do hospital do Rocio, D. Estefânia da Cruz, às 11, da avenida Almirante Reis, 138; D. Maria José da Conceição, às 15, da rua das Madres, 20.

Faleceu ontem, pelas 8 horas, o camarada Eduardo Nunes, fundador da Fábrica de Material de Guerra, que era um exemplar chefe de família, bom colega e bom operário, tendo estado em obra para esse estabelecimento do Estado.

A Associação de Classe dos Fabricantes de Armas e Officinas Acessórias (pessoal do Arsenal do Exército), pede-nos para, em seu nome, convidarmos todos os seus camaradas de fábrica a comparem no seu funeral que se realiza hoje pelas 16 horas.

Monumento a José Fontana

Na sua sede, rua do Bemfomeiro, 150, 1.ª, reúne-se amanhã, pelas 21 horas, a comissão executiva do monumento a José Fontana, para continuação dos trabalhos pendentes.

Sociedades de Recreio

Academia 1.ª de Setembro de 1897.—Effectua-se hoje um grandioso sarau que esta academia, por intermédio de uma comissão de sócios, oferece a Carlos Duarte, que parte para terras do Brasil. O programa é brilhantíssimo.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Associação de Socorros Mútuos «A União».—A assembleia geral ordinária reúne hoje, pelas 20 e meia horas, com o seguinte ordem de trabalhos: Apresentação e votação do relatório e mais contas da gerência do ano de 1918 e respectivo conselho fiscal.

DECLARAÇÃO

Pedem-nos a publicação do seguinte:

«Declaro que recebi a quantia de \$1470, proveniente da quete tirada em S. Vivença, a favor do Cofre de Solidariedade Humana da Construção Civil, da qual ainda não prestei contas pelo motivo de me encontrar preso e não poder fazer mais nada para o governo do qual me seria impossível não ter esclarecido este facto, mas não me falo possível. Não deprecia possa prestar as contas as camaradas que em mim confiaram».

Governo civil, 16 de Abril de 1919.—Manuel Ramos».

QUEDA

Foi pensando no Bano do hospital de S. José, Raimundo Correia da Silva, de 50 anos, jardineiro, residente na rua Cande das Antas, villa Bastos, 1, que caiu num taque, fazendo uma entorse no pé direito.

TEATROS & CINEMAS

ARTAZ DO DIA

TRINDADE—A's 21—«Os Plangas», peça de viagens.

GINÁSIO—A's 21—«O rei das bocas».

AVENIDA—A's 21—«Sua Majestade», comédia.

POLITEAMA—A's 21—«O Amor Perfeito», opereta.

EDIN—A's 21—«Régia da Amor», de macarra, opereta.

APOLLO—A's 21—«A princesa Magalhães», revista.

POZ—Animatógrafo e variedades.

OLIMPIA—Animatógrafo e concertos.

CINEMA OONDES—Animatógrafo e concertos.

SALÃO DA TRINDADE—Variedades e animatógrafo.

CHIADO TERRASSE—Animatógrafo e concertos.

CRANSTUYER—Animatógrafo e dicas faladas.

ANJOES—A's 20.30—A's 21—«Quilins, sábados e domingos»—«Revista sem compêns», animatógrafo.

COLISEU DE LISBOA—A's 20.30—A's 21—«Quilins e domingos» animatógrafo.

SALÃO DA PROMOTORA—A's 20.30—A's 21—«Quilins e domingos» animatógrafo.

Ultimas notícias

Agitação na Itália

Uma reunião de socialistas extremistas de Milão da origem a um conflito com a força pública

MILÃO, 14.—Numa reunião dos socialistas extremistas em Milão pronunciaram-se violentos discursos, a ponto dum orador provocar a intervenção do funcionário da segurança que presidia ao acto, o que levantou protestos da assistência. Por fim, a reunião foi dissolvida pela força pública.

Tendo um grupo de manifestantes armado com pedras sobre a força pública, esta fez uso das armas, havendo alguns feridos dos dois lados.—H.

Na Baviera

¿Foi derrubado o governô extremista de Munich?

PARIS, 14.—Com o caracter officioso dizem de Berlim que a proclamação do governô bávaro, dirigida ao povo, diz que a guarnição de Munich saudou o domínio estabelecido pela força, em Munich e que o governô legítimo de Hoffmann, foi restaurado no poder em Munich.

As ordenanças do governô dos conselhos são nulas; termina fazendo um apelo ao povo bávaro para se agrupar em volta do governô a fim de se evitar o regresso de tais actos de violência.—H.

O armistício

Todos os negócios feitos pela autoridade militar alemã são anulados

BRUXELAS, 14.—A Etoile Belge diz que uma nota do general Nudant, presidente da comissão interaliada permanente do armistício, dirigida ao presidente da comissão alemã, estabelece o principio de que a venda ou cessão, por qualquer titulo, das instalações, aprovisionamentos e material militares, feita pela autoridade alemã, depois do 11 de Novembro de 1918, é considerada pelo comando dos aliados como nula e sem efeito algum.

Os comandantes do exercito decidiram se o material deve ser retomado simplesmente ao detentor ou se convirá autorizar este a adquirir-lo regularmente, mediante compra determinada.—H.